



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | DOSSIÊ Instituições, História e Patrimônio Cultural

O acervo da Memória Documental da cidade de São Paulo: contribuições para a História do patrimônio educativo

*The collection of the Documental Memory of the city of São Paulo:
contributions to the History of educational heritage*

*La colección de la Memoria Documental de la ciudad de São Paulo:
contribuciones para la Historia del patrimonio educativo*

Eduardo Bezerra de Souza

RESUMO

O objetivo do artigo é problematizar o papel dos artefatos escolares na constituição da memória e identidade da escola paulistana. Toma-se como objeto o acervo histórico da Memória Documental, da Secretaria Municipal de Educação que mantém uma valiosa massa documental sobre a história da Educação da cidade de São Paulo desde a década de 1930. Os procedimentos metodológicos ancoram-se na História da Cultura Material. O provimento encontrado neste acervo emerge como patrimônio cultural, herança e memória de algo que se consolidou ao longo do tempo e que referencia a identidade da escola no município de São Paulo.

Palavras-chave: Memória documental; Patrimônio educativo; Cultura material escolar.

ABSTRACT

The aim of the article is to problematize the role of school artifacts in the constitution of memory and identity of the school in São Paulo. It takes as object the historical collection of the Documental Memory, of the Municipal Secretary of Education, which keeps a valuable document mass about the history of Education in the city of São Paulo since the 1930s. The methodological procedures are anchored in the History of Material Culture. The evidence found in this collection emerges as cultural patrimony, heritage and memory of something that has been consolidated over time and that refers to the identity of the school in the city of São Paulo.

Keywords: Documentary memory; Educational heritage; School material culture.

RESUMEN

El objetivo del artículo es problematizar el papel de los artefactos escolares en la constitución de la memoria y identidad de la escuela en São Paulo. Toma como objeto el acervo histórico de la Memoria

Documental del Departamento Municipal de Educación, que guarda una valiosa masa de documentos sobre la historia de la Educación en la ciudad de São Paulo desde la década de 1930. Los procedimientos metodológicos están anclados en el Historia de la Cultura Material. La disposición encontrada en este acervo emerge como patrimonio cultural, herencia y memoria de algo que consolidó a lo largo del tiempo y que se refiere a la identidad de la escuela en la ciudad de São Paulo.

Palabras clave: Memoria documental; Matrimonio educativo; Cultura material escolar.

Introdução

O texto apresenta uma discussão acerca das práticas de guarda e conservação, bem como das potencialidades dos artefatos escolares que compõem o acervo histórico da Memória Documental (MD) da Secretaria Municipal de Educação. Esse acervo mantém uma massa documental sobre a história da Educação da cidade de São Paulo desde a década de 1930 e que são aqui arrolados com o intuito de fomentar investigações e estudos sobre temas relacionados à História das instituições escolares, da Cultura Material Escolar, da História das Culturas Escolares e do Patrimônio Cultural Educativo.

O objetivo é problematizar o papel dos objetos escolares na constituição da memória e identidade da escola paulistana reafirmando esse acervo como lugar de integração e enculturação cultural, espaço de criação que ao gerar diálogos, problematizações, comparações e inspirações no contato com seus objetos, transcendem diversas interpretações sobre os processos de constituição e difusão da escola primária em São Paulo. O *corpus* documental que embasa o trabalho é constituído por imagens dos utensílios presentes nesse acervo. Optou-se por selecionar, uma amostragem desses documentos, fotografados *in locu*.

Os procedimentos para análise desse *corpus* documental ancoram-se nos aportes teóricos da História Nova, a partir da acepção de Le Goff (2003), nos pressupostos da História Cultural, Chartier (1990) e nos constructos da Cultura Material Escolar, Souza (*apud* BENCOSTTA, 2010) e Law (*apud* SILVA; SOUZA; CASTRO, 2018). É, portanto, sobre as práticas de guarda e de conservação de documentos, neste caso, dos objetos escolares e de suas potencialidades para a História da Educação que trata este artigo, mais especificamente, direcionamos nosso foco para o acervo da MD da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

O texto organiza-se em seções. Além desta introdução, realiza-se a apresentação desse acervo refletindo sobre sua função enquanto espaço de memória, guarda e preservação de objetos escolares. Na segunda seção, apresentam-se as fontes, alguns dos artefatos escolares salvaguardados nesse espaço. Discorre-se sobre as potencialidades desses objetos como documentos referenciando os processos de constituição da escola paulistana. Na terceira seção, problematiza-se a importância desse acervo para a História da Educação e para a institucionalização do patrimônio escolar paulistano. Por fim, conclui-se que a MD constitui um lugar de coleta, preservação, pesquisa e divulgação de conhecimento o que reforça seu papel e compromisso com o patrimônio cultural e com a sociedade paulistana.

A constituição de um acervo: A Memória Documental da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

Segundo Possamai (2012), um acervo designa um conjunto de bens que integram o patrimônio de um indivíduo, de uma instituição ou de uma nação. Constitui-se de um conjunto de bens estabelecidos por uma instituição ou coletividade, cuja preservação é assegurada às futuras gerações pelos valores que representa à sociedade, sejam estes de caráter histórico, cultural, artístico, afetivo ou de ineditismo. Para a autora, a etimologia da palavra patrimônio refere-se à ideia de herança e situar historicamente a elaboração dessa noção implica na construção e circulação de práticas e representações sociais que pensam o patrimônio como objeto de investigação acadêmica e como campo de ação cultural.

A perenidade de um patrimônio se sustenta pelo desejo de conservação e pela atribuição de valores por um indivíduo, por uma instituição ou ainda pela própria sociedade que escolhe determinados objetos, espaços, monumentos ou edifícios para guarda, seja pela riqueza, relevância, excepcionalidade ou raridade dos itens reunidos e acumulados, atribuindo-lhes um valor de memória e de simbologia histórica.

Nesse sentido, os acervos escolares emergem como lugares de preservação, conservação e memória. Os objetos e documentos frutos da cultura material da escola, quando preservados criam lugares de recordação transpassados por continuidades e descontinuidades e, ao mesmo tempo,

abrem diferentes possibilidades para o estudo das relações entre os sujeitos da escola, alunos, professores, diretores a partir de múltiplas materialidades. São igualmente, campos de apropriações e criações, podendo conjugar espaço à memória, tanto escolar, quanto pessoal e familiar, construídas em múltiplas temporalidades. Além disso, a preservação de artefatos escolares evidencia uma ação política na busca de salvaguardar algo que se constitui como patrimônio educativo de uma nação e como ação pedagógica perpetua a construção da identidade escolar. Desse modo, os acervos escolares são responsáveis por perpetuar um patrimônio, compreendidos como um conjunto ou coleção de bens culturais dados *a priori*, herdados historicamente, e que cabe à sociedade preservar, celebrar e valorizar.

A relevância dos acervos escolares remete a inúmeras perspectivas, desde os aspectos jurídicos até os de importância cultural ou científica para o coletivo de uma sociedade. Esses espaços se configuram como um modo privilegiado de acesso a vestígios de práticas pedagógicas, sensibilidades, de encenação de atos, rituais, de reconhecimento de diferentes práticas de sociabilidades geracionais.

Neste trabalho enfatizamos o aspecto histórico que um acervo escolar pode adquirir, constituindo-se como “lugar de memória” (NORA, 1993), pois se tornam locais destinados à guarda de um material que perde, de certa forma, o seu uso originário, contudo, ganha outro sentido, o histórico.

Sob essa perspectiva, encontra-se a Memória Documental¹ um dos equipamentos da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo que guarda uma coleção histórica de aproximadamente, 4.500 documentos técnicos e pedagógicos, uma massa documental que registra e reconta a história da Educação da cidade de São Paulo desde a década de 1930 até a atualidade. A reunião desses materiais pode ser definida como parte do que se convencionou denominar na História da Educação de cultura material escolar que na acepção de Souza (*apud* BENCOSTTA, 2010), designa:

O conjunto dos artefatos materiais necessários para o funcionamento das escolas envolvendo mobiliários e acessórios, infraestrutura do prédio escolar, equipamentos e

¹ De acordo com a Portaria nº 7.849, de 01/12/2016, estabeleceu-se que este acervo anteriormente denominado Memória Técnica Documental, passaria a ser denominada Memória Documental.

utensílios destinados ao ensino das disciplinas como livros de leitura, cartilhas, mapas, globos, laboratórios de física e química e outros (SOUZA *apud* BENCOSTTA, 2010, p. 169).

Dedicada à preservação da cultura material da Secretaria Municipal de Educação, a Memória Documental de São Paulo cuida do tratamento, organização, conservação, manutenção, valorização e da difusão de documentos escolares. Nesse acervo são encontrados documentos que vão desde relatórios de instrução, programas de ensino, livros didáticos, cartilhas, manuais até objetos físicos, contadores, coleção de abecedários, mapas, quadros de história, microscópios, máquinas fotográficas, objetos de uso pessoal como pratos e talheres e um expressivo mobiliário escolar. Enquanto espaço de preservação e guarda, os artefatos encontrados nesse acervo são elementos importantes para pensarmos a escola e constituem fontes para a reflexão e historiografia da educação paulistana.

A partir do contato com esses objetos, a problemática que se constrói é responder como esse acervo contribui para uma história do patrimônio educativo? Para responder esse questionamento, analisam-se alguns artefatos fotografados nesse espaço. O desejo de aprofundar os estudos sobre esse provimento material, especialmente, sua preservação, se deu, particularmente, pelo estudo dos processos que constituíram a escola pública em São Paulo privilegiando os níveis primários de ensino. Buscou-se compreender a produção da História da Educação a partir do papel que a materialidade ocupou nos processos de difusão e imposição da escola primária paulistana.

Entende-se que a materialidade que constitui esse espaço dispõe de atributos para além de sua organização espacial, de escolha e preservação. A composição desse acervo traduz formas de expressão da cultura material que garante uma forma de reproduzir/produzir valores e significados envolvendo saberes e fazeres. Além de servir como norteadores de atividades práticas educativas da escolarização paulistana se constituem em rastros de memória cuja acessibilidade pode subsidiar investigações sobre Cultura Material Escolar, Culturas Escolares, História da Educação e História do Patrimônio Educativo.

Em vista disso, os objetos salvaguardados no acervo da Memória Documental constituem fontes e categorias para o trabalho do historiador e

oferece novas possibilidades para a compreensão da história cultural da escola, seu papel e função frente à formação humana e sobre o papel dos objetos escolares na constituição do patrimônio cultural escolar.

As fontes: os objetos escolares da Memória Documental

Compreende-se que, os documentos não falam por si só, nem nos é possível determinar o seu valor. Eles adquirem importância pelo ineditismo ou por novos dados que possibilitam um novo olhar. Tudo isso existe, mas acima de tudo subjazem as perguntas que formularemos a esses documentos, os questionamentos, as indagações que eles permitem ensejar. Quem os produziu? Com que objetivos? Como e por que foram conservados ao longo do tempo?

Segundo Le Goff (2003), um documento é resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, das sociedades que o produziram, mas também das épocas sucessivas; que elimina, mantém e o manipulam, ainda que pelo silêncio. Essa nova concepção de documento, ampliada para além do documento escrito, indica que este deve ser tratado como um documento/monumento. Nas palavras deste autor o que sobrevive documentalmente no tempo não é o conjunto do que de fato existiu, mas o resultado de escolhas conscientes e inconscientes, efetuadas por sujeitos e por forças que atuam no desenvolvimento temporal e que em certa medida intentam impor ao presente certa visão sobre o passado.

Por esse ângulo, se consolida a missão da MD da Secretaria Municipal de Educação. O conjunto de objetos escolares preservados nesse acervo é aqui compreendido como monumento: “tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação”.

A intenção de considerar os objetos desse acervo como fontes investigativas fundamenta-se nos pressupostos da “História Cultural”. Conforme aponta Chartier (1990, p. 16-17), “[...] a história cultural, tal como entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. De acordo com esse autor, uma investigação centrada na História Cultural busca compreender como certa realidade é representada, apropriada e

reconstruída pelos indivíduos em função do contexto temporal, cultural, social e espacial no qual se inserem.

A História Cultural, ao ampliar o campo documental da pesquisa histórica, recorre a uma multiplicidade de objetos como fonte primária de investigação. Sob essa ótica, a materialidade que constituiu o acervo da Memória Documental configuram-se fontes primárias para produzir lugares de saber/poder e sentidos para a ação pedagógica.

Como forma de problematizar a recolha, conservação e preservação desse material, selecionaram-se objetos que fizeram parte do processo de escolarização primária no município de São Paulo a partir dos anos 1930. Esses objetos foram fotografados e como suporte teórico para a análise dessa iconografia, lançou-se mão da perspectiva de Kossoy (2007), para quem as imagens guardam em si apenas indícios, histórias que não se mostram e que se pretende desvendar.

Por outro lado, utilizar os objetos escolares como fontes históricas requer considerar que conforme aponta Law (*apud* SILVA; SOUZA; CASTRO, 2018), a história da cultura material escolar direciona um olhar para se perceber como a materialidade escolar se constituiu em diferentes espaços, ou ainda como os objetos escolares ganharam sentidos, como foram utilizados, como interligaram por meio de redes ativas heterogêneas (pessoas e rotinas)?

Para Law (*apud* SILVA; SOUZA; CASTRO, 2018, p. 336), “a cultura material na educação aparece como artefato dentro de sistemas e também como discurso”, de modo que a materialidade deve ser entendida como uma tecnologia, “cujo campo de estudo é a sua relação com o social, ou seja, com os elementos humanos e o não humano” (p. 337). Sob esse prisma, pode-se afirmar que o poder dos materiais escolares ganha sentido a partir das atribuições humanas, e sendo esse processo uma construção social, os artefatos escolares não podem existir independentemente do seu nexos social.

Tomando os fundamentos teóricos explicitados, iniciamos essa reflexão a partir da análise de dois instrumentos linguísticos preservados no acervo da MD da Rede Municipal de Educação de São Paulo e que tiveram por finalidade o ensino da leitura e da escrita nas escolas paulistanas a partir da década de 1960 do século XX. A Imagem 1 apresenta a “Cartilha Caminho Suave” (1964) e a Imagem 2 o “Caderno Pontos e Exercícios de Língua Portuguesa”

(1950/1960). Depreendemos que esses objetos não se trataram apenas de simples materiais didáticos, configuraram um modo de se fazer e pensar o ensino da leitura e da escrita.

Imagem 1 – Cartilha Caminho Suave – 1964



Fonte: Memória Documental da Secretaria Municipal da Educação de São Paulo.

Imagem 2 – Pontos e Exercícios de Língua Portuguesa – 1950/1960



Fonte: Memória Documental da Secretaria Municipal da Educação de São Paulo.

Embora criticada por associar a técnica da “alfabetização por imagem” e por supervalorizar os processos de repetição e memorização, a cartilha Caminho Suave fez parte da infância de muitos brasileiros. Publicada em 1948 por Branca de Alves Lima, chegou a vender 40 milhões de cópias no Brasil. Em 1996 acabou sendo retirada pelo MEC do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), pelo motivo de que os estudos psicosociolinguísticos mostraram que associar à imagem não era melhor opção para se aprender a ler e escrever. Do mesmo modo, o livro “Pontos e Exercícios de Português Nova Nomenclatura Gramatical” das autoras Dináh de Moraes e Débora Pádua Mello Neves, compreendia um tipo de manual didático com exercícios de caligrafia e treino

das letras com os objetivos de desenvolver habilidades motoras, a coordenação cerebral e a técnica de escrever automaticamente, com rapidez e legibilidade. O material também foi criticado por valorizar uma atividade mecânica que se aprendia pela prática e repetição.

Não se pretende expor um juízo de valor sobre o uso e desuso desses materiais, tampouco defendê-los ou depreciá-los. Entende-se que a História é constituída por mudanças e permanências ocorridas na sociedade, em detrimento do contexto político, econômico, social e cultural de cada época. Entretanto, em determinado contexto, milhões de paulistanos foram alfabetizados por esses instrumentos. Negar sua importância para os processos de alfabetização significa destituí-los do caráter histórico que eles desempenharam na História da Educação. É fato que a conservação desses recursos pedagógicos demonstra uma atitude de resgate, valorização e problematização de concepções e práticas do ensino da leitura e da escrita que constituíram a história da alfabetização em São Paulo no século XX.

Partindo do pressuposto que o conhecimento histórico auxilia na compreensão do homem enquanto ser que constrói seu tempo, esses materiais quando analisados podem suscitar reflexões que vão desde a investigação dos aspectos textuais e semânticos, passando pelos indícios que problematizam percepções e funções de sua aquisição pelas escolas paulistanas.

Qual a importância desses materiais nas décadas de 1960/70 e 1980? A quem eram direcionados? Quais os propósitos de seu uso? Quais as possíveis representações e apropriações que os professores, pais e alunos fizeram desses materiais didáticos? Quais competências e habilidades eram requeridas por alunos e professores responsáveis por sua instrumentalização?

Enquanto vestígios da cultura material escolar, esses livros poderiam nos fornecer pistas sobre as formas de ensinar e aprender? Quais concepções, valores e memórias afetivas podem ser resgatadas dos sujeitos que por eles foram alfabetizados? Que emoções, lembranças e sentimentos esses objetos provocam? Por quais motivos e objetivos esses livros ainda são preservados? E por que esses materiais ainda causam estranhamento sendo objetos de estudo no campo da alfabetização?

Imagem 3 – Grande Fanfarra do Ensino Municipal – 1970/1980



Fonte: Memória Documental da Secretaria Municipal da Educação de São Paulo.

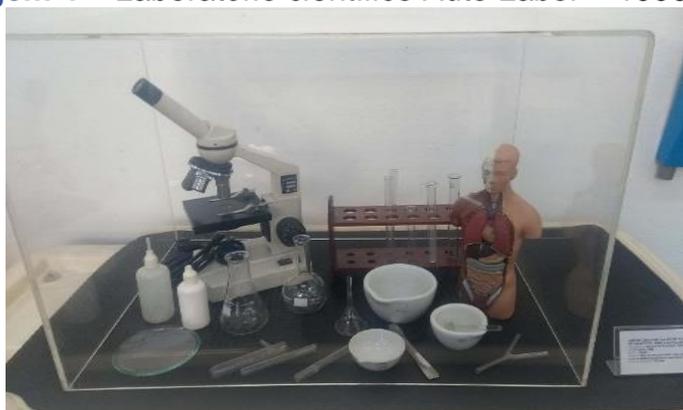
Além dos objetos para o ensino da leitura e da escrita, a Memória Documental preserva conforme demonstrado na Imagem 3 um conjunto de peças conhecido como “Kit da Grande Fanfarra”. Trata-se de artefatos como túnica, chapéu, broche e dois exemplares de Hinos e Cantos Escolares de autoria de João Baptista Julião. Podemos relacionar o uso desses utensílios aos eventos cívicos de natureza patriótica ou às festas em comemoração ao encerramento do ano letivo ou, ainda, às formaturas que representavam os ritos de passagem dos escolares.

A conservação desses artefatos sugere uma preocupação da escola em assegurar práticas voltadas ao patriotismo, buscando desenvolver nos estudantes o sentimento de orgulho, amor, devoção e devoção à pátria e aos seus símbolos (bandeira, hino, brasão, riquezas naturais e patrimônio material e imaterial da nação). Esses utensílios evocam os momentos solenes de respeito e reverência ao nosso país, carregados de caráter simbólico, como, por exemplo, o hasteamento da bandeira, o canto do hino nacional em exaltação à nossa identidade, a organização e ensaio para as festas, a união de várias classes para representarem a escola, a disciplina necessária nos momentos de ensaios, as apresentações cívicas, a presença da comunidade na escola ampliando o ambiente escolar para um lugar de respeito, de exaltação à nação.

O uso desses adereços pode configurar a concretização de um projeto de construção da nacionalidade e da identidade brasileira, objetivando, por meio da escola, a formação do sentimento de pertencimento à nação. Além disso, pode revelar a função da escola como espaço sociocultural de perpetuação de modelos culturais e de preservação de determinadas práticas.

Salvaguardar esses utensílios confirma as proposições de Julia (2001) ao afirmar que os objetos da escola contribuem na constituição de conhecimentos e na transmissão e incorporação de comportamentos. O “Kit da Grande Fanfarra” evidencia que por meio da produção, circulação e uso de determinados objetos é possível incorporar e legitimar práticas culturais, produzir sensações e marcas colocando-se assim como fontes de construção da memória coletiva.

Imagem 4 – Laboratório científico Auto Labor – 1996/1997



Fonte: Memória Documental da Secretaria Municipal da Educação de São Paulo.

O Laboratório móvel apresentado na Imagem 4 se trata de um conjunto de materiais adequados para atender às aulas práticas das disciplinas de Ciências da Natureza. É composto por um microscópio, recipientes de vidro e cerâmica e um boneco corporal do torso humano para estudos de anatomia, o kit favorecia o ensino de ciências pela experiência e o processo de construção do conhecimento científico. Quando analisados em seu contexto, a aquisição desses materiais dava à escola um crivo de qualidade, exatamente porque disseminava um saber sobre as ciências naturais: conhecimento que só seria possível por meio da utilização de “objetos” específicos para esse ensino.

Sua presença no espaço escolar pode revelar a função da escola em valorizar a observação da criança, sua curiosidade, a descoberta pela experiência e o contato com o mundo físico, o que requeria a necessidade do uso de objetos considerados indispensáveis para o processo de abstração e percepção infantil. Refletir sobre a presença desses objetos na escola permite assegurar que ao supervalorizar os constructos científicos, partia-se do pressuposto de que se o conhecimento do mundo material derivava dos sentidos, caberia à escola equipar-se com esses artefatos. Era preciso colocar

à disposição dos estudantes objetos que estimulassem essa aprendizagem. Sob esse prisma, a materialidade foi considerada elemento fundamental na aquisição do conhecimento. O uso e conservação desses objetos pressupõe a necessidade da escola em formar indivíduos racionais, que desenvolvessem a capacidade de análise, de abstração e incorporação de habilidades necessárias ao conhecimento natural e científico.

Imagem 5 – Balança pediátrica – 1950



Fonte: MD – Memória Documental da Secretaria Municipal da Educação de São Paulo.

A Imagem 5 é de uma balança de aço inox da marca Filizola. Qual o objetivo da presença desse instrumento nas escolas paulistanas? Por que sua recolha e preservação no acervo da Memória Documental da Secretaria Municipal da Educação?

Seu uso no ambiente educacional requer compreendê-la num espectro mais amplo, tendo em vista a educação como uma prática social e cultural que não se restringia somente aos processos de escolarização, nesse caso evidencia que também cabia à escola cuidados que se relacionavam à higiene e à saúde, especialmente, à avaliação antropométrica das crianças.

Sua conservação no acervo pode nos indicar o resgate e problematização de práticas escolares alicerçadas na preocupação e acompanhamento do desenvolvimento infantil, uma vez que tal instrumento servia para a avaliação do peso, comprimento e altura das crianças, representando um importante recurso para o diagnóstico e mensuração do estado nutricional infantil. O uso desse equipamento pode revelar a intencionalidade da escola em assegurar uma preocupação com o

desenvolvimento sadio da criança, prezando pelo diagnóstico nutricional e pelo planejamento de ações com vistas à promoção da saúde e prevenção de doenças. Entretanto, revela também a intervenção de preceitos médicos e higienistas nas ações escolares.

Imagem 6 – Cadeira de madeira



Fonte: MD – Memória Documental da Secretaria Municipal da Educação de São Paulo.

A cadeira constitui um significativo elemento da cultura material escolar, pois além de revelar a emergência da escola como mercado consumidor, do Estado como comprador e da indústria de mobiliário escolar, possibilita uma reflexão sobre o papel dos móveis escolares como vetor de relações pedagógicas, higiênicas, culturais e comerciais. Por essa razão, esse objeto não oferece apenas pistas dos modelos e práticas pedagógicas, dos usos dos espaços e dos tempos escolares, podem indiciar a projeção de conceitos e ideias, constituindo-se em produtos da cultura ou resultados dos elementos abstratos que se materializam.

A preservação desse objeto suscita pensar que ele deixa de ser um material banal, comum ao espaço escolar, para fomentar questionamentos sobre a organização das salas de aula, a ordem moral dos corpos que ocuparam o espaço físico, a disciplina exigida de cada discente e a relação daqueles docentes com os seus aprendizes. Nessa perspectiva a cadeira escolar assume um papel na formação da corporeidade discente, num jogo de tensões e interações dinâmicas que se dão, no âmbito do cotidiano escolar,

entre objeto, corpo, modelos e práticas pedagógicas. Portanto, além de um objeto escolar, a cadeira foi também um artefato industrial demonstrando que a história e a configuração da escola paulistana não se definiram somente no interior dela, mas na relação com o mundo externo, nas dimensões econômicas, políticas e sociais que a concretizaram.

Imagem 7– Máquina fotográfica s/d



Fonte: MD – Memória Documental da Secretaria Municipal da Educação de São Paulo.

No contexto atual marcado pela inserção e uso de diferentes recursos audiovisuais e as chamadas novas tecnologias, em que a linguagem midiática se faz presente no cotidiano da maioria das pessoas, parece impossível garantir um lugar para a máquina fotográfica representada na imagem acima.

Atualmente, a fotografia é compreendida no contexto escolar como mais uma forma de registro reflexivo das práticas pedagógicas e como um modo de documentar os processos de aprendizagem e desenvolvimento de bebês e crianças. A imagem acima é de uma máquina fotográfica da marca Yashica MAT EM 66, que embora sem data de produção, é possível identificar que tinha acabamento de metal, couro, plástico e vidro.

Qual o sentido da preservação desse objeto? Quais as finalidades de seu uso no contexto escolar? Quem a operava? Como e quando era utilizada? Será que todas as escolas tinham esse equipamento? Servia para o registro de eventos? Algum momento especial? De fato, a presença desse objeto no contexto escolar nos remete a preservação da memória coletiva da escola, tendo como principal função o registro e arquivamento daquilo que se desejou

guardar. Nesse contexto, a fotografia como produto desse instrumento, assume a função de documento histórico, registro importante na constituição da identidade e guarda intrínseca relação com a memória. Quando problematizado em função do ambiente escolar, esse recurso suscita inquietações que vão desde o seu papel como finalidade educativa, o que nos sugere considerar tanto os produtos como os processos que estão envolvidos em seu uso.

O papel desenvolvido pelo acervo da Memória Documental de São Paulo

Por quais motivos a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo escolheu a conservação desses objetos? Qual sua importância para a Secretaria de Educação? Em que medida esses objetos constituem um patrimônio cultural paulistano? Qual a relação desses objetos com a memória e identidade da escola?

Esses questionamentos nos convidam a olhar os objetos da escola como dispositivos que, conforme assevera Escolano Benito (2017, p. 22), tecem na vida escolar “práticas empíricas nas quais se consubstanciava um modo bem definido de educação, que se cristalizou, se decantou em experiência e se transmitiu, de forma relativamente estável, de geração em geração”. Segundo o autor, o manejo desse conjunto de utensílios materiais guiou o fazer cotidiano da aprendizagem e do ensino e sedimentou uma linguagem própria da escola.

Corroborando com essa ideia, nas palavras de Abreu Junior (2005, p. 154), investigar os objetos da escola significa “retirá-los de sua rotina diária e colocá-los numa posição de destaque”. Esta proposição intenciona resgatar o sentido das práticas por meio de sua mais notória e também muito importante cotidianidade.

Assim, salvaguardados, os objetos da MD de São Paulo, são considerados relíquias que quando interrogados podem revelar que no recorte temporal de seu uso havia de fato uma cultura material escolar que se manifestou vivamente tanto pela concretude dos objetos e artefatos quanto pelas práticas empreendidas com estes e (mediante esses) objetos.

Analisar esses objetos a partir das imagens aqui apresentadas implica considerá-los sob dois pontos de vistas. O primeiro recorre às potencialidades do uso da “iconografia” no estudo da História da Educação enfatizada por Kossoy (2007), para quem as imagens guardam em si apenas indícios, histórias que não se mostram e que se pretende desvendar. Esse autor enfatiza que a leitura de imagens requer uma “alfabetização do olhar”, isto é, para a compreensão da imagem é preciso submetê-la a uma crítica que leve em consideração a interação fotógrafo, a tecnologia utilizada na produção da fotografia e o objeto registrado. Portanto, a análise exige uma crítica externa, isto é, das condições de produção da fotografia e uma crítica interna relacionada ao conteúdo da imagem. O processo analítico da imagem requer uma crítica ao conteúdo, que por sua vez, demanda uma análise dos contextos humanos e das relações sociais subjacentes à imagem fotografada.

Nesse artigo, atentou-se ao fato de que as imagens do ontem não são neutras, mas foram produzidas com o objetivo de legar ao futuro certas representações do presente. Por isso, atentou-se para as contribuições de Kossoy (2007) quando este assevera que a fotografia é memória daquele precioso tema num dado instante de sua existência e enquanto registro da aparência dos cenários, personagens, objetos e fatos é preciso que se tenha a compreensão do papel cultural da fotografia e de sua ambiguidade na produção do conhecimento. Trata-se de um instrumento que informa e desinforma, emociona e transforma ao mesmo tempo em que denuncia e manipula. Dessa forma, neste trabalho as imagens que representam os objetos do acervo foram compreendidas como produto de um contexto sociocultural e econômico de produção e consumo e produzidas a partir de referenciais de circulação sendo apropriadas e reapropriadas.

O segundo ponto de vista a se considerar levanta questões sobre a preservação desses materiais como documentos. Nesse intento, o acervo da MD da Secretaria da Educação de São Paulo recupera a memória da história da educação no município de São Paulo reconstituindo a materialidade das rotinas e do cotidiano escolar por meio da preservação de carteiras, mesas, lousas, lápis, canetas, cadernos escolares, manuais didáticos e demais instrumentos utilizados no ensino.

Ainda que não se possam supor as práticas desses objetos nas escolas paulistanas, a guarda desses artefatos revelam vestígios das práticas cotidianas. Quando problematizados, esses artefatos nos oferecem inúmeras possibilidades para a compreensão da história da escola, seu papel e função frente à formação humana e sua contribuição na constituição do patrimônio cultural do município de São Paulo. Esses objetos tomados como fontes históricas e analisados em seus contextos de produção, usos e transformações quando considerados a partir da ação humana sobre eles, constituem-se em vestígios e relíquias que ao serem interrogados revelam que em determinado tempo e época, havia uma cultura material escolar manifestada vivamente tanto pela concretude dos objetos e artefatos (instrumentos utilizados) quanto pelas práticas empreendidas com estes e (mediante esses objetos) nas escolas primárias paulistanas.

Essas proposições apontam o caráter empírico que se dá aos objetos no estudo da cultura material escolar e suas relações com o desenvolvimento das culturas escolares, uma vez que compreender as materialidades como portadores de um discurso, pressupõe afirmar que a partir dos usos de determinados objetos constroem-se realidades e produzem-se racionalidades particulares. A esse respeito, tomando por empréstimo as palavras de Escolano Benito (2017), a base material da escola torna-se representante das práticas do passado. Esses elementos que fazem parte da cultura da escola significam ao pesquisador artefatos residuais das ações humanas, os “*objetos-huellas*”, os vestígios, que para o autor constitui:

A arqueologia das materialidades da escola é uma via segura e confiável de imersão no mundo das práticas de formação, ou seja, um modo de aproximação real à exploração dos elementos ou das situações em que se “materializou” o universo do escolar ou das representações que o registraram (ESCOLANO BENITO, 2017, p. 226).

Desse modo, os artefatos e objetos, além de móveis e utensílios preservados no acervo da Memória Documental tornam-se fontes para investigar os sentidos e as orientações pedagógicas subjacentes ao desenvolvimento de determinadas culturas escolares que guiaram o fazer pedagógico dos professores da rede municipal de São Paulo.

A Memória Documental da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, por meio da conservação de objetos e artefatos que fizeram parte da história da escola paulistana, institui-se como lugar de promoção de relações compartilhadas e dialógicas ao promover, para além do resgate da memória individual e coletiva, um espaço permanente, planejado e sistemático de sensibilização de preservação desta herança cultural.

Ao empreender a tarefa de recuperar e analisar os objetos que fizeram parte do cotidiano do ensino paulistano, considera-se que a materialidade escolar se constitui como herança patrimonial e, nesse sentido, faz referência à escola como espaço de memória. O acervo da MD, ao conservar esses objetos da escola, nos permite valorizar a história e a memória do ensino paulistano, pois se evidencia como lugar de memória, conforme assevera Nora (1993, p. 7):

Memória, e história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é viva, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução aberta à dialética da lembrança e do esquecimento inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repetitivas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. [...] A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quanto grupo existe; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto.

Desse modo, os artefatos escolares conservados nesse acervo são compreendidos como uma herança identitária e quando entrelaçados nas dinâmicas sociais e culturais de determinado espaço ou ambiente, portam vestígios capazes de indiciar a história das instituições paulistanas e das práticas pedagógicas instituídas historicamente.

Em consonância com esse entendimento, segundo Pollak (1992), há nessa perspectiva, uma estreita ligação entre a memória e o sentimento de identidade. O autor parte da premissa que a memória é um dos aspectos que fazem parte do sentimento de identidade individual ou coletivo, “na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de

continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (1992, p. 5).

Esses artefatos escolares resgatam memórias compreendidas como um fenômeno social e coletivo, sujeito a constantes transformações, “acontecimentos vividos pessoalmente, e/ou acontecimentos vividos por tabela, ou seja, vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer” (POLLAK, 1992, p. 6).

Contudo, no trato da materialidade escolar é preciso alargar as significações que esses objetos assumem considerando o contexto, a intenção de uso, a finalidade do objeto e principalmente os sujeitos que o operam. Ou seja, a concretização da finalidade desses objetos depende do papel dos sujeitos envolvidos, do lugar que ocupam, das intencionalidades, interações, responsabilidade e comprometimento que estão envolvidos nesta operação, do contrário, esses objetos seriam apenas utensílios amorfos e sem sentido na prática educativa e na formação e desenvolvimento dos seres humanos.

Como exemplo dessa ampliação, podemos citar a reflexão sobre as finalidades e sentidos que esses objetos materiais adquiriram na organização pedagógica das escolas paulistanas, percebendo o modo como esses elementos deram materialidade aos projetos de renovação educacional da época em seus contextos de uso. Ou ainda, considerar a proposição de Veiga (2000) ao afirmar que os modos de uso dos objetos, sua escolha, a receptividade, ausências e presenças de utensílios, o preço, os processos de aquisição e procedência, entre outros, são elementos que participam ativamente da criação, operação, manutenção e/ou desativação das experiências escolares.

O que se infere, é que os materiais aqui analisados e que compõem parte do acervo da MD, da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, são portadores de mensagens e trazem indícios das práticas do cotidiano escolar. As leituras realizadas emergem possibilidades de se pensar e analisar a cultura material da escola para além da descrição dos objetos e sua função utilitária percebendo as relações sociais, significações, representações e apropriações que estão por trás do consumo desses bens materiais. Assim, interroga-se não apenas as especificidades físicas desses artefatos, mas os sentidos dos usos que se fizeram com e a partir deles.

A MD da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo pode ser compreendida, nessa perspectiva, como “lugar de memória”, pois entrelaça o material, o simbólico e o funcional, em graus distintos. Material, pelo conteúdo demográfico, o apoio para os sentidos; funcional, porque transporta e transmite as memórias; e, simbólico, porque caracteriza, representa, expressa um acontecimento, uma experiência. Esse acervo pode ser compreendido como parte do patrimônio histórico e cultural, forma de expressão, de criação científica, tecnológica e artística, marcado pelo contexto social, histórico e cultural por conter elementos e traços de uma cultura, detentores de temporalidades e representações de uma memória histórica que foi construída ao longo do tempo nos diversos estabelecimentos de ensino da Prefeitura Municipal de São Paulo. Esse acervo situa-se como lugar de memória, representação da identidade e espaço de mediação cultural e social, reconhecendo o papel social, cultural e afetivo que os objetos da escola desempenham fora e dentro do ambiente escolar.

Para essa reflexão, ainda são valiosas as contribuições de Augustín Escolano Benito (2007) ao apontar que a materialidade escolar se torna uma rica documentação ao favorecer a identificação da maneira como se dava o uso dos objetos, a conexão entre esses objetos com outros do ambiente escolar e sua relação com os sujeitos. Para esse autor, é importante compreender como os objetos estão imbricados ao espaço e como seus usos se refletem na estruturação das práticas e nos modos de ensinar.

Nesse propósito, o acervo da MD, além de cumprir com a função de resgate da memória dos tempos de escola, suscita elucubrações sobre como os utensílios materiais guiaram o fazer cotidiano da aprendizagem e do ensino sedimentando uma linguagem própria da escola paulistana. Analisados para além de sua materialidade, os objetos permitem contemplar não apenas a percepção da organização e direcionamento dos conteúdos ensinados, mas também, o entendimento do conjunto de fazeres e ideologias ativadas no interior de seus contextos de uso. Isso nos instiga a repensar as atividades escolares e considerar que no uso desses objetos estavam subjetivados valores, saberes, práticas e estratégias que só poderiam ser concretizadas na interação de objetos e pessoas.

Conclusão (considerações finais)

Portanto, verifica-se que os objetos preservados na Memória Documental da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo emergem como categorias de patrimônio cultural ao dar visibilidade à cultura material da escola na perspectiva de objeto de valor, herança e memória de algo que se consolidou ao longo do tempo e que referencia a identidade da escola no município de São Paulo.

O acervo, enquanto patrimônio da história da educação paulistana, evidencia-se fundamental para o reconhecimento e proteção das diversas formas de culturas escolares que constituíram a educação no município preservando sua identidade e memória. Sendo a memória um dos alicerces que dá sentido à vida, o acervo permite a reflexão sobre a história da escola, sua construção e as especificidades do ato educativo, suas normas, práticas, ritos, crenças e valores que configuraram as culturas escolares e os diferentes modos de produção da escola paulistana.

Enquanto lugar de memória, identificar as referências culturais e compreendê-las no tempo e no espaço para um melhor entendimento histórico estimula a memória coletiva e dá significado à história da formação humana. Nesse aspecto, a Memória Documental cumpre importante papel de salvaguardar o patrimônio da escola paulistana. Os objetos ali preservados são portadores de mensagens, símbolos que traduzem os vestígios de um determinado tempo e espaço e que são reveladores de discursos produzidos e veiculados em diferentes instituições de ensino. Esses materiais podem expressar as práticas educacionais, evidenciar aspectos de organização das escolas, os métodos de ensino, os dispositivos educativos de escolarização paulistana e as intencionalidades das práticas educacionais e, por isso, constituem fontes para o avanço dos estudos na área da historiografia da educação. Ao considerar esse acervo um patrimônio histórico, busca-se resgatar as marcas do lugar e função que a escola paulistana consolidou, analisando a sua contribuição na formação de milhões de crianças e adultos paulistanos.

Conclui-se que a Memória Documental da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo mostra-se como um lugar de coleta, preservação,

pesquisa e divulgação de conhecimento, o que reforça seu papel e compromisso com o patrimônio cultural e com a sociedade. O acervo, enquanto local que se abre para a sociedade e para o encontro com a memória e identidade da escola, cumpre com o objetivo de transmitir o patrimônio material e imaterial que constituiu a educação no município de São Paulo entre os anos de 1930 até a contemporaneidade.

Referências

ABREU JUNIOR, Laerte. de M. Apontamentos para uma metodologia em cultura material escolar. *Proposições* – Revista quadrimestral da Faculdade de Educação da UNICAMP, v. 16, n. 1. (46), p. 145-164, jan./abr. 2005. Disponível em: [https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2297/46-dossie-abreujuniorlm .pdf](https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2297/46-dossie-abreujuniorlm.pdf). Acesso em: 11 jan. 2023.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

ESCOLANO BENITO, Augustin. *A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia*. Campinas: Alínea, 2017.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749>. Acesso em: 11 jan. 2023.

KOSSOY, Boris. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. São Paulo: Ateliê, 2007.

LAW, Martin. A materialidade dinâmica da educação escolar: professores, tecnologias, rotinas e trabalho. In: SILVA, Vera Lucia Gaspar da; SOUZA, Gizele de; CASTRO, César Augusto (org.). *Cultura material escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades*. Vitória: EDUFES, 2018. p. 333-357.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 11 jan. 2023.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

Disponível em:

<http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2023.

POSSAMAI, Zita. R. Patrimônio e história da educação: aproximações e possibilidades de pesquisa. *Revista História da Educação*, [S. l.], v. 16, n. 36, p. 110-120, 2012. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/19976>. Acesso em: 11 jan. 2023.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas, itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 163-192.

VEIGA, Cintia. G. Cultura material escolar no século XIX, Minas Gerais. In: Congresso Brasileiro de História da Educação, 1., 2000, Rio de Janeiro. *Anais* [...]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. Disponível em:

http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/040_cynthia.pdf. Acesso em: 11 jan. 2023.

Recebido em: 16/01/2023.

Aceito em: 26/03/2023.

Eduardo Bezerra de Souza

Doutorando pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Membro do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre o Ensino de Língua e Literatura (NIPELL). Atua como assistente técnico de educação na Divisão Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação (SME) – São Paulo.

 edu10pontos@gmail.com

 <https://lattes.cnpq.br/6962534236946113>

 <http://orcid.org/0000-0003-1047-0789>